

Contador indo-português com excelentes marchetados de sissó e marfim sobre teca, e, na trempe, esculturas de requintada execução (Garudas); Séc. XVII; Museu Nacional de Arte Antiga

Contadores Indo-Portugueses Um luxo asiático para portugueses ver



Já em 1713 Rafael Bluteau, no seu *Vocabulário Português-Latino*, estipulou que o “contador de gavetas” era aquele “móvel em que se poem papéis de contas ou qualquer outra cousa”.


O contador será talvez a peça mais emblemática e representativa do mobiliário indo-português, dadas as suas raízes nacionais e o requinte do tratamento decorativo de que se revestiu nas paragens orientais. Esta variante estilística surgiu a partir da encomenda aos artífices indianos, aquando do estabelecimento dos portugueses na costa Oeste da península do Indostão a partir de 1498. A encomenda portuguesa de mobiliário pautou-se, primeiramente, pelas necessidades do quotidiano e rapidamente culminou numa indústria de luxo que servia desejos de ostentação e de apropriação do exótico por parte dos reinóis. Foi um verdadeiro processo de “osmose estética”, onde a forma do contador reinterpretou os modelos originais europeus e a decoração e os materiais ficaram à responsabilidade dos artífices indianos⁽¹⁾. Uma arte híbrida materializou-se, “produto refinado de uma sociedade luso-oriental verdadeiramente integrada”⁽²⁾.

Deste modo, derivando dos modelos europeus, o contador indo-português reinterpreta as formas e a funcionalidade propostas pelos famosos contadores alemães (*Schränke*) e pelos *bargueños* espanhóis e faz-se difundir na metrópole a partir do séc.

XVI. Assim, distingue-se quer das suas raízes estrangeiras quer da tipologia paralela do escritório, por ostentar as gavetas à vista, aparentemente iguais no tamanho e decoradas com escudetes e espelhos de fechadura trabalhados em metal, e pela ausência do batente que servia à escrita característico do *bargueño* e do escritório. Ao nível estrutural, o contador foi perdendo a sua autonomia, a sua característica eminentemente “móvel”, ao ganhar maiores dimensões e uma trempe para se apoiar. Daí que o tardo não receba decoração e as gualdras permaneçam para lembrar o primeiro estatuto desta tipologia. A decoração de embutidos, as esculturas das trempe e o uso de garnições de metal – as placas de tambaca recortadas – distinguiram estas peças de mobiliário, como outras, num visual exótico que muito agradou o gosto dos reinóis e dos continentais, que as ostentavam como sinal de distinção social nas zonas nobres das suas casas, cobrindo-as de pratas e de porcelanas da China.

Esta estética influenciou a produção subsequente do mobiliário feito em Portugal: o gosto pelas madeiras exóticas, nomeadamente o pau-preto; o tirar partido estético da conjugação de madeiras de diferentes tonalidades (nomeadamente no mobiliário dito indo-açoriano); a preferência pelos contrastes da madeira escura com as placas metálicas vazadas. Estes são vectores que vão destacar o nosso mobiliário do início

do séc. XVII no âmbito da produção europeia de mobiliário. Historiadores de renome internacional, como Robert Smith, concluem que os contadores seiscentistas, marcados que estão pela experiência colonial, foram uma das mais importantes contribuições portuguesas para a história do mobiliário de luxo europeu.

Estas peças constituem assim um património admirável, que é testemunho da história mais fecunda de Portugal, a ver no Museu Nacional de Arte Antiga, Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, Palácio Nacional da Ajuda, Palácio de Belém, Fundação Medeiros e Almeida, Paço de Sintra e Palácio dos Duques de Bragança em Vila Viçosa. 

Notas:

1 – No que diz respeito à sua produção, desde o séc. XVI ao XVIII, a circulação de peças, de formas e de artistas dificulta a determinação específica dos locais de execução e até mesmo dos seus autores: na Índia ou em Portugal, o mobiliário é feito por artífices indianos ou por artesãos portugueses indianizados.

2 – R. Moreira, A. Curvelo, “A circulação das formas. Artes portáteis, arquitectura e urbanismo”, in *História da Expansão Portuguesa*, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, Vol. II, Lisboa: Círculo de Leitores, 1998, p. 354.

Bibliografia sumária:

Obras de Maria Helena Mendes Pinto (1980, 1983, 1991, 1999), Maria Helena de Cagigal e Silva (1950, 1966) e Bernardo Ferrão (1990).

CÁTIA MARQUES,
Historiadora da Arte, Assessora de
Direcção do GECORPA